

A CRUZ E A ESPADA

O GREMIO LEGITIMISTA

Emfim!

O partido legitimista vê realizado o primeiro passo para a sua reorganização n'esta importante provincia.

O Gremio Legitimista do Minho acha-se definitivamente instalado e reconhecido por todos os grupos legitimistas do paiz.

A escolha do dia de hontem, 1.º de Dezembro para esta iustallação deu á solemnidade um çunho verdadeiramente patriótico.

Eis o que se passou n'este dia memoravel, que perpetuamente tem de ficar sendo de uma recordação gratissima para todos os legitimistas.

Sómente á 4 hora da tarde a commissão do Gremio recebeu a noticia de que no comboyo expresso, que deveria chegar á 1 1/2 vinha um representante do Gremio Legitimista de Lisboa, com o destino de assistir e applaudir com a sua honrosa presença a installação do nosso Gremio.

Na impossibilidade de lhe preparar, como desejavamos, uma recepção condigna, pelo aperto do tempo, dirigiram-se á gare do Caminho de Ferro os cavalheiros que se achavam no Gremio no momento de se receber a noticia, e ali esperaram a chegada do comboyo em que effectivamente vinha o Ex.º sr. João Cypriano Rodrigues Batalha, commissionado pelos nossos correligionarios da Capital.

Depois da troca de cumprimentos foi o sr. Batalha, seguido em carruagens até ao legitimista *Hotel Transmontano*, onde muito á pressa se achava preparado o alojamento para s. ex.º

Desde esse momento até á hora do jantar, o digno representante da mocidade legitimista de Lisboa foi cumprimentado por muitas das pessoas mais qualificadas do nosso partido, á proporção que a noticia da sua chegada se ia espalhando na cidade.

Ao aproximar-se a noite, nas immedições do collegio de S. Bento, em cujos salões se devia realizar a sessão solemne do nosso Gremio, grande concurso de curiosos estacionava contemplando o bello effeito do embandeiramento externo do edificio e das decorações da entrada principal, que realmente eram de um gosto aprimorado.

O salão central, onde se achava collocada a meza da presidencia e a tribuna dos oradores estava vistosamente adornado. Em toda a circumferencia da sala pendiam dos cordões do tecto, elegantemente enlaçadas, sanefas azues e encarnadas, cores que recordam o antigo laço realista. As vastas paredes estavam de cima abaixo adornadas de semetricos desenhos de Hera, que davam áquelle recinto um aspecto graciosamente festivo. Os estofos que decoravam as entradas da sala eram de damasco de séda, bordada ouro. Por toda a parte arbustos e flores.

A illuminação era feita por dois elegantes lustres pendentes ao centro da sala, e por um grande numero de braços, de quatro lumes, em todas as faces do salão.

Na frente, sobre o espaldar da presidencia havia um excellentre retracto a oleo, do sr. D. Miguel II, execução do celebre pintor o sr. Salles, que foi o primeiro portuguez que retratou o sr. D. Miguel I ao chegar de Vianna d'Austria a Portugal, e de cujos talentos vemos por este facto a mais honrosa menção no *Pantheon dos artistas celebres* publicado em França.

Em outra face da sala estava um primoroso quadro emoldorado, representando a Santissima Virgem da Conceição, e em frente d'este, o retrato de el-rei o sr. D. Miguel I.

Em toda a extenção da sala havia um sem numero de cadeiras para os assistentes, e sobre o estrado da presidencia, aos lados, uma fila de *fanteils* para os representantes de diversas terras da provincia, que concorreram a esta solemnidade.

As 7 horas da noite já se achava apinhado de legitimistas este salão e os que lhe ficam contiguos, bem como as vastas escadarias. Fora da porta havia grande concurso de povo.

Uma banda marcial annunciou a chegada do Ex.º sr. Presidente do Gremio, acompanhado de diversos cavalheiros, que foram recebidos á entrada pelos membros da commissão da mocidade.

Momentos depois, ao son do hymno da Restauração, o sr. presidente abriu a sessão por communicar á assemblea que se achava n'esta cidade um representante da mocidade legitimista de Lisboa, e por nomear uma commissão para conduzir aquelle representante ao seio d'esta assemblea.

Esta commissão foi composta dos Ex.ºs srns. Francisco Marques Soares de Azevedo,

José Antonio Alves, Manoel Ignacio da Silva Braga, Candido Augusto Martins Pinheiro, Domingos José de Souza Aguiar e Joaquim da Silva Gonçalves. Conduzido ali o Ex.º sr. João Cypriano Rodrigues Batalha, mal s. ex.º entrou no edificio, a banda marcial rompeu o hymno nacional legitimista.

Ao entrar no salão, precedido pela commissão, o illustre representante da mocidade legitimista da Capital, toda a assemblea o recebeu de pé. O ex.º sr. Bernardino J. de Senna Freitas, que occupava um lugar que lhe fora destinado junto á presidencia, ergueu n'este momento um viva á mocidade legitimista de Lisboa, que foi ardentemente correspondido por toda aquella numerosissima assemblea.

O sr. Batalha tomou o lugar de honra á direita do Ex.º sr. Presidente.

Em seguida o Ex.º sr. presidente abriu os trabalhos da noite proferindo um breve mas patriótico discurso, no qual significou a propriedade da escolha de tão gloriosa data para a installação do Gremio legitimista do Minho. S. ex.º fez conhecer o dever que assistia aos verdadeiros legitimistas de se unirem em um só corpo para se fortalecerem, e convidou os legitimistas presentes a subcreverem-se membros do Gremio.

Tambem s. ex.º deu conta de grande numero de cartas e telegrammas de adhesão que de diversos pontos da provincia lhe haviam sido remetidos, bem como de um telegramma do Ex.º sr. Conde da Redinha, felicitando o nosso Gremio em nome do Centro de Lisboa, e propoz que se agradecesse este telegramma ao seu illustre signatario, o que foi apoiado pela assemblea.

Igualmente leu um officio do Ex.º sr. Presidente da Commisão Districtal Legitimista, no qual s. ex.º em virtude de não comparecer nem se fazer representar n'aquella solemnidade, se dignava communicar-lhe que o Centro legitimista de Lisboa não só approvava, como louvava o acto de dedicação e patriotismo que presidia a instituição d'este Gremio. Foram lidos os Estatutos.

Em seguida coube a palavra ao Rev.º Sr. Padre João Baptista Ribeiro Coelho, illustrado redactor do *Commercio do Minho*, que recitou uma patriótica poesia composta por aquelle cavalheiro para esta occasião. Terminada a recitação o sr. Padre Coelho foi muito applaudido pela assemblea.

O Ex.º sr. João Azevedo, posto não se achar inscripto para orar, teve comtudo a palavra, pronunciando um breve discurso, que foi seguido de uma mimosa poesia de vida ao seu talento, cujo texto publicaremos no proximo numero. Foi muito applaudido.

Tendo-se inscripto para usar da palavra o Ex.º sr. João Cypriano Rodrigues Batalha, como representante do Gremio Legitimista de Lisboa, foi-lhe esta dada n'este ensejo. O Sr. Batalha, em uma linguagem despretenciosa, mas sobremodo entusiastica, expoz o fim da sua missão, mostrando que a mocidade legitimista da capital acompanhava com verdadeiro regosio o movimento progressivo do partido legitimista do Minho, e que por intermedio de s. ex.º vinha felicitar n'esta occasião solemne os legitimistas do Minho pelo modo como sabem desempenhar-se dos seus deveres. S. ex.º exprimio o seu reconhecimento pelo modo como fôra recebido, e o muito que desejava a mocidade legitimista de Lisboa de que existissem sempre entre ella e os legitimistas d'esta fiel provincia estreitos laços da mais cordeal estima. Completou o seu discurso fazendo votos pelo triumpho da causa legitimista, e levantou um viva ao Rei legitimo dos portuguezes.

Por vezes o Sr. Batalha foi interrompido com as palmas calorosas de todo o auditorio, e o seu viva foi correspondido com grande enthusiasmo.

Chegado que foi o momento do sr. Senna Freitas occupar a tribuna, a commissão da mocidade legitimista offereceu a s. ex.º uma medalha commemorativa da guerra peninsular em forma de cruz com as armas reaes portuguezas de ouro em uma das faces, e na outra o algarismo n.º 3, e que pertenceu a uma das mais nobres familias do Minho. Esta reliquia do passado que nos faz lembrar o tempo dos portuguezes de lei, havia sido o premio concedido a um d'esses valentes que foi o 1.º no assalto do Castello de S. Sebastião na Biscaia, Hespanha, fazendo prodigios de valor, em que mais uma vez o nome portuguez foi admirado por todos os povos.

O nosso amigo J. Torres encarregado de a depositar nas mãos do eminente orador e denodado escriptor, disse para s. ex.º: «Senhor, a commissão da mocidade legitimista, vem depositar nas mãos de v. ex.º esta

medalha, gloria do passado, e premio concedido pela patria ao valor e heroismo de um portuguez que, coberto de cicatrizes e disfigurado pelos rigores da guerra e da fome, beijou, ao voltar á patria, a terra que lhe havia sido berço, e bem disse ao Senhor por semelhante favor, pois, foi o 5.º que escapou do seu batalhão.

Esta reliquia guarda v. ex.º porque ninguém é mais digno d'ella, e colloque-a ao peito n'este glorioso dia para nós duas vezes grande. Pelos seus revelantes serviços, o partido legitimista não o pode condecorar hoje mais condignamente.»

Esta medalha era presa a uma larga fita escarlate, a qual lhe foi lançada, e lhe ficou pendente ao peito.

A assemblea n'este momento irrompeu em vivas demonstrações de agrado.

Em seguida s. ex.º pronunciou um brilhante discurso que foi, fallemos com franqueza, arrebatador, e calou no animo de todos.

O sr. Senna Freitas tomou por thema do seu discurso duas palavras, empregadas na commemoração do dia pelo nosso collega do *Commercio do Minho*—«O Gigante accorrou.»

Sobre este thema mostrou como a bandeira das quinas em todos os mais heroicos feitos, desde a fundação da nossa monarchia até á expulsão de Bonaparte fora sempre origem do protentoso impulso do nosso patriotismo. Mostrou como o gigante accorrou desde que sobre aquella bandeira o povo portuguez jurára a sua liberdade, e não consentir em tempo algum senão reis portuguezes. Historiou com vivos traços todo o periodo da tyrannia castelhana, e descreveu como os portuguezes jurando sobre aquella bandeira vencer ou morrer pela liberdade da patria, levaram a effeito o glorioso movimento de 1640. Passou em revista o periodo em que o gigante de novo adormecera quando a maçonaria começou a semear a perturpação no governo legitimo, desde a sua ascensão em 1828, e fez notar que se os portuguezes careciam de um periodo de 60 annos e de tres reinados de tyrannia, para se despertarem os seus brios e se accenderem os seus heroismos, perto vem o dia da redempção, por que são já decorridos 54 annos e trez reinados de tyrannia da revolução. Fez bem sencivel o periodo de vida liberal, e exprimio com que firmeza e lealdade o gigante acordou hoje.

O seu verbo prendia, fascinava encantava e fazia do coração do fraco e do tibio um heróe prompto á primeira voz a derramar o seu sangue em defeza de Deus, da Patria e do Rei.

Aquelle grande talento aquella palavra penetrante, e aquella alma elevada, por vezes, com os arrebatos da sua inspirada palavra fez levantar em extasis aquella illustrada reunião, e produzir de vez em quando commoções que só a alma do crente pôde experimentar.

Os applausos, as palmas os bravos, chegaram ao dilirio, e o orador foi interrompido por diversas vezes; porém, no momento em que apresentou a bandeira branca, com as quinas portuguezas—ao tirar-a do seio, que arrebate, que fogo, que almas em brasa, que amor da patria!

Foram todos surpreendidos n'aquella erupção de enthusiasmo que se traduzia na mais calorosa e estridente acclamação, que foi correspondida com vivas em todas as salas e até pelo povo que se achava agrupado nas proximidades do edificio.

Sob aquella gloriosa bandeira jurou s. ex.º e fez jurar a toda a assemblea, vencer ou morrer pelo lema de Deus, Patria e Rei.

Este discurso foi terminado pelos vivas levantados pelo orador á religião Catholica Apostolica Romana, á Nação Portugueza, a El-Rei o Senhor D. Miguel II, ao partido tradicional, e ao Gremio Legitimista do Minho. A assemblea correspondendo a estes vivas levantou tambem por sua parte um viva espontaneo e entusiastico ao Ex.º sr. Senna Freitas.

O sr. Senna Freitas discursou por mais de uma hora.

Findo o seu discurso foi estreitamente abraçado por muitos, que á porfia disputavam a primazia. Isto mesmo havia já acontecido quando ao desenrolar-se a bandeira branca todos se levantaram em louco enthusiasmo, e quasi erguiam no ar o feliz orador.

Tomou depois a palavra o sr. dr. Costodio Vellozo, que leu um esplendido trabalho allusivo ao assumpto do dia e ao periodo dos governos liberaes, concluindo por levantar um viva ao sr. D. Miguel II. Não damos a summa do discurso do sr.

dr. Costodio Vellozo, por que pertendemos publicar-o no nosso proximo numero, o que não fazemos hoje por não termos ainda recebido o original que solicitámos á modestia de s. ex.º, difficil de vencer.

Diremos todavia que o sr. dr. Costodio Vellozo foi muitas vezes interrompido pelo applauso do auditorio, que no seu discurso não sabia qual admirar mais se a eloquente e formosa contextura se a exposição verdadeiramente captivadora do illustre orador.

O Reverendo sr. Padre Coelho voltou ainda á tribuna, e em rasgos do seu enthusiasmo patriótico verberou o indifferntismo politico em todas as classes, mormente na sua. Mostrou nos termos mais energicos e independentes a attitudo escandalosa de um certo clero, que está sendo o maior inimigo da Igreja, sem pejo de se appresentar como seu maior aggressor. Referio-se á recente lucta eleitoral da ilha da Madeira, e á ousadia com que alguns padres estão de seu proprio punho escrevendo e desprestigiando o Nuncio Apostolico. Mostrou qual o desprezo com que os nossos governos estão olhando para os nossas missões no ultramar, podendo-as, sustentar, e evitar as guerras dos indigenas, com menos dinheiro do que consome em sapatos para o exercito do ultramar. O orador conseguiu por muitas vezes a hilaridade do auditorio, de outras o seu mais sincero e merecido applauso.

No fim d'estes discursos tornou a tomar a palavra o sr. Senna Freitas, afim de ler dois telegrammas que haviam sido recebidos de Lisboa durante a sessão, um d'elles do Ex.º sr. Nicoláo de Brito, em nome da redacção da nova folha legitimista, *A Restauração*, e outro do Ex.º sr. D. Jorge Eugenio de Locio em nome da redacção da *Nação*.

Eis os telegrammas.

«A redacção da *Restauração* felicita a mocidade legitimista do Minho, e congratula-se pela solemnidade de hoje.»

Nicoláo de Brito.

«A redacção da *Nação* saúda e felicita o Gremio Legitimista do Minho.

D. Jorge Locio.

O sr. Senna Freitas propoz a resposta a estes telegrammas, e um voto de agradecimento por elles. Significou com quanto regosio o partido legitimista via levantar-se na capital do paiz essa pleiade de mancebos esperançosos que vinham fortalecer este partido, cuja maior gloria era existir ainda; suscitou pela mocidade de Lisboa vivas acclamações da assemblea. Em meio d'estas acclamações o sr. Senna Freitas, tomando a bandeira sobre a qual os legitimistas ali presentes acabavam de jurar a sua causa, propoz que em nome de todos, aquella bandeira, que recordava o primeiro e mais solemne acto da vida de um partido, fosse offerecida á mocidade de Lisboa, como penhor da nossa cordeal camaradagem, e como estimulo para que o juramento por nós feito se estendesse em todo o paiz á sombra d'esta mesma bandeira.

A manifestação da assemblea foi estrepitosa. O digno representante da mocidade legitimista da Capital, recebendo aquella bandeira, beijou-a em nome d'aquelles a quem era offerecida, e significou que seriam para a mocidade de Lisboa involvidaveis todos os testemunhos da nossa viva sympathia.

O sr. Senna Freitas referindo-se ao Ex.º sr. D. Jorge Locio, expoz os relevantes serviços prestados por este campeão illustre da legitimidade, e quão justa é a veneração pelo seu nome verdadeiramente benemerito.

A assemblea calorosamente acceitou as palavras do orador. Em seguida o Sr. P.º Coelho levantou um viva á imprensa legitimista e ao seu decano.

Em todos os intervalos dos discursos a banda marcial executou varias peças de musica.

Eram 11 horas da noite quando foi encerrada a sessão.

Os legitimistas presentes começaram então a assignatura de seus nomes.

O Gremio estava constituído. Assim dá o partido legitimista do Minho o mais evidente testemunho da sua vitalidade; assim prepara ao seu paiz dias prosperos em um futuro mais patriótico e mais civilizador.

Ha muitos annos que n'esta cidade não ha memoria de uma reunião tão unmerosa, e tão verdadeiramente solemne.

A sua memoria ha-de ser tão duradoura como o sentimento que a produziu.